

Cultura e ambiente: hagiotopônimos na hidronímia da mesorregião norte maranhense

Culture and environment: hagiotoponyms in the hydronymy of North Maranhense Mesoregion

*Edson Lemos PEREIRA**

*Conceição de Maria de Araujo RAMOS***

*Maria Cândida Trindade Costa de SEABRA****

RESUMO: Este trabalho apresenta uma análise dos hagiotopônimos que nomeiam hidrônimos da Mesorregião Norte Maranhense, objetivando examinar a relação cultura, ambiente e toponímia. O corpus foi extraído do banco de dados da dissertação de mestrado intitulada Pelos caminhos das águas: um estudo da hidronímia da Mesorregião Norte Maranhense (PEREIRA, 2017). O banco abarca 60 municípios maranhenses e foi constituído com base em mapas oficiais do IBGE (2010), com escalas que variam de 1:50.000 a 1:100.000. Para este estudo, fundamentado nos trabalhos de Dick (2004; 1995), Sapir (1961) e Chaves (1956), foram selecionados 40 hagiotopônimos. Os resultados apontam a religiosidade como um fator significativo no processo de nomeação no âmbito da hidronímia maranhense.

PALAVRAS-CHAVE: Toponímia.
Hidronímia. Hagiotopônimos.
Maranhão.

ABSTRACT: This work presents an analysis of hagiotoponyms that name hydronyms of North Maranhense Mesoregion, aiming to examine the relationship between culture, environment and toponymy. The corpus was extracted from the database of the master's dissertation entitled Along the waterways: a study of the hydronymy of the North Maranhense Mesoregion (PEREIRA, 2017). The bank covers 60 municipalities in Maranhão and was created based on official IBGE maps (2010), with scales ranging from 1: 50,000 to 1: 100,000. For this study, based on the work of Dick (2004; 1995), Sapir (1961) and Chaves (1956), 40 hagiotoponyms were selected. The results point to religiosity as a significant factor in the nomination process in the context of Maranhão's hydronymy.

KEYWORDS: Toponymy. Hydronymy. Hagiotoponyms. Maranhão.

* Mestre em Letras pela UFMA, doutorando PosLin-UFMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2945-9029>. edsonlp20@hotmail.com

** Doutora em Linguística pela UFAL, professora associada UFMA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4554-8179>. conciufma@gmail.com

*** Pós-Doutora pela USP e UNISINOS, professora FALE-UFMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4827-0635>. candidaseabra@gmail.com

1. Introdução

O ser humano, antes de erguer sua moradia ou fundar um povoado, tem a preocupação de nomear os elementos físicos – rios, riachos, córregos, montanhas – que estão a sua volta, originando assim os topônimos, verdadeiros objetos culturais que, além de se constituírem como elemento fundamental de referência geográfica, são também instrumento de comunicação (MUJIKÁ ULAZIA, 2010). São, em última análise, uma síntese das informações que se acumulam numa simples palavra com a qual batizamos os elementos físicos, os lugares que nos rodeiam (MORALA, 2010), pois o homem, ao nomeá-los, não o faz de forma aleatória; geralmente, utiliza-se do próprio ambiente ou de seus valores culturais como elemento motivador. Nessa perspectiva, a ação de nomear se tornou uma ação comum, imprescindível para a estruturação do mundo e, conseqüentemente, para a categorização da nossa experiência (BIDERMAN, 2001).

Dessa forma, o enfoque do léxico de qualquer cultura exige que aclaremos como esse componente é concebido no âmbito da língua. Seguindo essa orientação, convém observar as considerações que faz Biderman (2001, p. 13) sobre o tema em questão. Segundo a autora,

Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas.

Portanto, é por meio das unidades lexicais que o ser humano individualiza e dá nomes a tudo que o cerca, impondo seu domínio e perpetuando sua cultura. Considerando essa perspectiva, a Toponímia, entendida como a disciplina que tem

como foco o ato de nomear – lugares, elementos físicos – constitui-se como uma das possibilidades de exprimir pensamentos, diferenciar as coisas do mundo e preservar a cultura.

Assim, tendo em vista que os topônimos fazem parte do léxico de uma língua e que por meio dele podemos chegar a elementos da vida sociocultural de um povo, selecionamos como objeto de estudo deste trabalho os hagiotopônimos – topônimos relativos aos santos e santas do hagiológico romano, que nomeiam os hidrônimos maranhenses, localizados na Mesorregião Norte Maranhense¹, objetivando examinar a relação cultura, ambiente e toponímia. Vale ressaltar que o presente estudo aborda a toponímia maranhense numa perspectiva rural.

Dessa forma, adotando as ideias propostas por Dick (2004, p.126-127), que entende os hidrônimos como “nomes dos acidentes hidrográficos em geral não importando a natureza linguística do objeto nomeado, e evidenciado pela denominação, se humano ou não, animado ou inanimado, nem a natureza dos campos semânticos envolvidos”, elegemos como *locus* de nosso estudo a Mesorregião Norte Maranhense, também conhecida como Frente Litorânea de expansão do espaço maranhense, por representar uma densa rede hídrica (rios, lagos, lagoas, riachos, igarapés, brejos) que permitiu/permite o deslocamento e a sobrevivência do homem na região.

Vale destacar, ainda, que estudos acerca do processo de ocupação do espaço maranhense, dentre eles o de Trovão (2008), mostram a importância desse sistema hidroviário nesse processo. Partindo então da Ilha de São Luís – localizada entre a baía de São Marcos, para onde convergem os rios Mearim, Pindaré e Grajaú, e a baía de São José, onde desaguam os rios Itapecuru e Munim –, o colonizador, nos séculos XVI,

¹ A Mesorregião Norte Maranhense é uma das cinco mesorregiões do estado do Maranhão. Essa mesorregião é constituída de 60 municípios, agrupados em seis microrregiões: Aglomeração Urbana de São Luís, Baixada Maranhense, Itapecuru Mirim, Lençóis Maranhenses, Litoral Ocidental Maranhense e Rosário.

XVII, XVIII, fez do rio o seu caminho. Eram, pois, os cursos d'água sua principal via de acesso ao interior e de penetração nesse território, sua via de comunicação e de sobrevivência. São esses cursos d'água, hoje, que nos proporcionam informações valiosas sobre a região, pondo em evidência questões relativas a seu povoamento, história, economia, cultura, toponímia.

Como vimos, o sistema hidroviário deu suporte ao processo de povoamento, proporcionou estabilidade e crescimento a várias regiões, ratificando assim a ideia de Dick (1990b, p.196), quando afirma que “[...] a água sempre foi o fator de equilíbrio em um determinado meio. Grandes civilizações nasceram e se desenvolveram junto aos oceanos, rios e zonas ribeirinhas”. São, portanto, os cursos d'água que, em grande medida, desvelam a relação cultura / ambiente e toponímia.

2 Cultura, ambiente e toponímia

Enfocar a tríade cultura, ambiente e toponímia, mesmo que de forma sucinta, requer, a nosso ver, tomar como ponto de partida as ideias debatidas por Sapir na primeira metade do século XX, principalmente quando seu foco era desenvolver reflexões acerca das conexões entre a linguística e outras disciplinas científicas. No bojo de seus debates estavam postulados como “A língua é, antes de tudo, um produto cultural, ou social, e assim deve ser entendida” (SAPIR, 1961, p. 26) e “A língua está se tronando um guia cada vez mais valioso no estudo científico de uma dada cultura” (p. 19).

Quando seu olhar se voltava para a relação língua / ambiente, dois pontos precisam ser considerados: (i) o fato de Sapir chamar a atenção para a posição radical daqueles que buscam explicar todo traço de cultura humana como resultante da atuação do ambiente físico, e (ii) a ressalva que faz o autor quando emprega o termo ambiente ao tratar dessa relação, tendo em vista sua concepção de língua como “[...] um complexo de símbolos refletindo todo o quadro físico e social em que se acha

situado um grupo humano [...]” (SAPIR, 1961, p. 44). Neste caso, crê o autor, o termo ambiente deve englobar tantos os fatores físicos como os sociais. Os fatores físicos dizem respeito a aspectos geográficos, como a topografia da região, o clima e o regime de chuvas, e à base econômica da vida humana, que compreende a fauna, a flora e os recursos minerais. Os sociais, por sua vez, abarcam “[...] as forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo.” (SAPIR, 1961, p. 44). Dentre essas forças destacam-se, como mais importantes, a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte.

Essas ideias de Sapir repercutem no trabalho de Dick (1995), para quem a nomeação de elementos físicos, de lugares, geralmente demonstra marcas da cultura ou do ambiente, e a observação e a análise das recorrências linguísticas dessas marcas nos topônimos possibilita a identificação dos dois mecanismos que ordenam o batismo, a nomeação: a *espontaneidade* e a *sistematização*.

De acordo com a autora, a espontaneidade se caracteriza pela presença, no batismo, de traços imediatos do designado, tais como cor, forma, grandeza (*Rio Preto*, no Maranhão, assim batizado por causa da cor escura de suas águas), ou de elementos que compõem o ambiente, como animais, plantas (*Rio Buriti*). Seguindo essa orientação, Dick (1995, p. 63) afirma que, em se tratando dos topônimos espontâneos,

[...] as ocorrências toponímicas prendem-se aos campos dialetológicos reconhecidos na região em exame e qualquer análise pretendida deveria recobrir a verificação das fronteiras linguísticas definidas pelos topônimos, assim com sua integração nos valores culturais do grupo, isto porque se trata do *corpus* nomenclatura mais antigo.

Já o processo de sistematização, também segundo Dick (1995), é consequência de uma *política administrativa de nomeação*, da atuação consciente de um povo, ao escolher, no processo de nomeação, certos princípios como seu modelo, forma padrão. Dick (1995, p. 63) esclarece ainda que os topônimos sistemáticos

[...] geralmente se opõem aos precedentes pelo aspecto dedicatório, devocional ou comemorativo de fatos ou costumes; homenageiam pessoas e reverenciam momentos de fé; podem até ser bajulatórios em sua reverência, conforme o momento político em que foram gerados; de qualquer forma, são interacionais em sua pontuação, muito embora cheguem a constituir áreas lexicais características do ponto de vista da toponímia.

Desse modo a influência religiosa é comum no batismo não só dos seres humanos como também do ambiente. Segundo Chaves (1956), essa prática era muito habitual em Portugal, e o catolicismo, por ser a religião oficial do país, teve uma grande influência na antroponímia e na toponímia portuguesa. Para Chaves (1956, p 177),

Esta ação sugestiva de ideal cristão estendeu-se, na época dos descobrimentos e das conquistas ultramarinas, a todas as costas continentais e insulares, aonde chegaram os portugueses. Os nomes de cabos, enseadas, baías, acidentes do litoral, ilhas e ilhéus, que iam sendo descobertos, recebiam os mesmos influxos religiosos. Povoações que os colonizadores fundavam, lugares de missão, que os apóstolos missionários da obra de civilização cristã fixaram para suas atividades, conservam o nome de origem religiosa, então recebido.

Não foi diferente no Litoral do estado do Maranhão onde os franceses chegaram no ano de 1612 e ergueram o Forte de São Luís, em memória de Luís XIII, rei da França e de Navarra, que logo serviu de batismo para o nome da Ilha. Essa homenagem foi a motivação para a mudança do nome da ilha habitada pelos Tupinambás e por estes denominada Upaon-Açu (Ilha Grande).

Vale destacar que, mesmo com a vitória dos portugueses sobre os franceses em 1614 na batalha de Guaxenduba, a denominação ilha de São Luís foi conservada, sendo modificado apenas o nome do forte para Forte de São Felipe. Esse fato encontra sua explicação na *ação sugestiva de ideal cristão* que alcançou as terras d'além-mar, como evidencia a religiosidade católica no Maranhão, abordada na próxima subseção.

2.1 Religiosidade católica no Maranhão

Atualmente, o estado possui 12 dioceses da província eclesiástica do Maranhão e é composta por um total de 295 paróquias que possuem várias comunidades, cada paróquia tem um santo patrono, que, em algumas igrejas costuma ser o mesmo.

Conforme dados do IBGE (2017), atualmente o Maranhão possui 4.899.250 pessoas autodeclaradas católicas apostólicas romanas. Um fato interessante sobre a população católica no Maranhão, segundo o IBGE (1956, p.183) é que em um dos municípios do Estado, Guimarães, possuía em 1950 o total da população católica segundo recenseamento “maior, proporcionalmente, do que a do Maranhão. Assim é que, dos 25 002 habitantes recenseados, 24 843 declararam ser católicos romanos, o que representa 99,3%, ao passo que no Estado a porcentagem vai a pouco mais de 97%.” Outra curiosidade do município de Guimarães naquela época é que “enquanto que na maioria dos municípios maranhenses vamos achar mais mulheres católicas do que homens - o que também se verifica no total do Estado, onde 778 726 mulheres contra 775 762 homens são católicos - em Guimarães acontece o contrário: 12 507 homens são católicos, ao passo que só 12 183 mulheres declararam professar essa religião”. Vale ressaltar que ainda hoje, segundo o censo de 2017, o número de homens, 4.784, continua maior que o número de mulheres 4.528.

Em se tratando da mesorregião Norte Maranhense podemos dizer que é comum a devoção pelos santos, a começar pela capital, que traz em seu nome, o nome do santo padroeiro da cidade, São Luís Rei de França. E tem como padroeira, Nossa Senhora da Vitória, santa essa que teria aparecido e ajudado os portugueses contra os franceses na batalha de Guaxenduba ocorrida em 1914, no atual povoado de Santa Maria, no município de Icatu.

Outo santo de devoção no estado é São José de Ribamar, no município que é batizado com o nome do santo, considerado o padroeiro do estado, São José foi

clamado por tripulantes de uma embarcação portuguesa que veio a naufragar na costa maranhense, salvos, os tripulantes trouxeram de Portugal uma imagem de São José e fundaram o município, que no período de agosto a setembro recebe muitos peregrinos em sua devoção.

Um outro santo que atrai fiéis pela fé e devoção é São Raimundo Nonato dos Mulundus, na cidade de Vargem Grande, mesmo ele não sendo o santo padroeiro da cidade. De acordo com narrativas de fiéis obtidas na comunidade, Raimundo Nonato tinha 32 anos, era trabalhador, vaqueiro e morava na comunidade Mulundus. Ele sofreu um acidente junto a um pé de carnaúba e faleceu, causando muita comoção na comunidade. Seu corpo foi encontrado somente alguns dias depois de sua morte, no entanto estava em perfeito estado e ainda cheirava a flor. Assim, desde de sua morte de Raimundo Nonato, em 1732, até hoje, os fiéis peregrinações em louvor ao santo no mês de agosto.

Convém lembrar que, além desses santos, como tradição no Nordeste, no Maranhão também é marcante a devoção aos santos do ciclo simbólico sagrado dos festejos juninos, assim no Estado, também são louvados São João, São Antônio e São Pedro. Vale destacar que no Estado, além desses três santos, no período junino também é louvado São Marçal, considerado como o padroeiro dos grupos de bumba-meu

3 Análise dos dados

O *corpus* da pesquisa é constituído pelos nomes atuais dos elementos hidrográficos maranhenses que foram coletados em mapas com escalas de 1: 50.000 e 1: 100.000, elaborados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2010). Foram coletados os topônimos dos seguintes elementos físicos: *lagos, lagoas, rios, riachos* e *igarapés*. Vale ratificar que, segundo o *Glossário dos termos genéricos dos nomes*

*geográficos utilizados no mapeamento sistemático do Brasil*², todos esses elementos são considerados hidrônimos, de acordo com as definições retiradas do Glossário:

- ✓ “Igarapé – Canal natural estreito e navegável por pequenas embarcações, que se forma entre duas ilhas fluviais ou entre uma ilha fluvial e a terra firme [...]. De *ygara* (canoa) – *apé* (caminho), o caminho das canoas, o canal também dito furo, no Amazonas [...]” (p.18).
- ✓ “Lago – Depressões do solo produzidas por causas diversas e cheias de águas confinadas, mais ou menos tranquilas, pois dependem da área ocupada pelas mesmas. As formas, as profundidades e as extensões dos lagos são muito variáveis. Geralmente, são alimentados por um ou mais rios afluentes. Possuem também rios emissários, o que evita o seu transbordamento [...] (p.20).
- ✓ “Lagoa – Depressão de formas variadas – principalmente tendendo a circulares – de profundidades pequenas e cheia de água doce ou salgada. As lagoas podem ser definidas como lagos de pequena extensão e profundidade [...]” (p.20).
- ✓ “Riacho – Termo regional de ocorrência na Região Nordeste do Brasil e que se traduz num curso de água ou corrente de água, que flui ou desemboca no oceano, num lago ou noutro curso de água.” (p.26).
- ✓ “Rio – Corrente líquida resultante da concentração do lençol de água num vale. Um curso de água pode, em toda sua extensão, ser dividido em três partes: 1– curso superior; 2– curso médio; e 3 – curso inferior [...]” (p.26).

² Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv88835_v1.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.

Esses elementos físicos apareceram na Mesorregião Norte Maranhense, que compreende seis microrregiões e 60 municípios. Vale ressaltar que os hagiotopônimos ocorreram em apenas 28 municípios, distribuídos conforme o Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Topônimos coletados.

Microrregião	Município	Elemento físico	Topônimo
Lençóis Maranhenses	Tutóia	riacho	da Santa Clara
Baixada Maranhense	Cajari	lagoa	da Santa Maria
Baixada Maranhense	Cajari	lago	da Santa Rosa
Itapecuru Mirim	Nina Rodrigues	riacho	da Santa Rosa
Itapecuru Mirim	Presidente Vargas	riacho	da Santa Rosa
Lençóis Maranhenses	Tutóia	riacho	do Santo Hilário
Lençóis Maranhenses	Barreirinhas	rio	do Santo Inácio
Baixada Maranhense	Igarapé do Meio	igarapé	do São Benedito
Lençóis Maranhenses	Paulino Neves	riacho	do São José
Itapecuru Mirim	Vargem Grande	rio	Santa Barbara
Lençóis Maranhenses	Tutóia	riacho	Santa Luzia
Baixada Maranhense	Cajari	lago	Santa Maria
Baixada Maranhense	Monção	rio	Santa Rita
Litoral Ocidental Maranhense	Alcântara	igarapé	Santa Rita
Baixada Maranhense	Viana	rio	Santa Rosa
Baixada Maranhense	Vitória do Mearim	Lago	Santa Rosa
Litoral Ocidental Maranhense	Cajapió	igarapé	Santa Rosa
Rosário	Icatu	igarapé	Santana
Aglomeracão Urbana de São Luís	São José de Ribamar	rio	Santo Antônio
Baixada Maranhense	Pinheiro	rio	Santo Antônio
Lençóis Maranhenses	Humberto de Campo	riacho	Santo Antônio
Rosário	Morros	igarapé	São Benedito
Lençóis Maranhenses	Humberto de Campo	igarapé	São Bento
Lençóis Maranhenses	Humberto de Campo	riacho	São Bento
Lençóis Maranhenses	Primeira Cruz	riacho	São Bento
Rosário	Morros	igarapé	São Bento
Lençóis Maranhenses	Humberto de Campo	rio	São Bernardo
Baixada Maranhense	São João Batista	rio	São Caetano

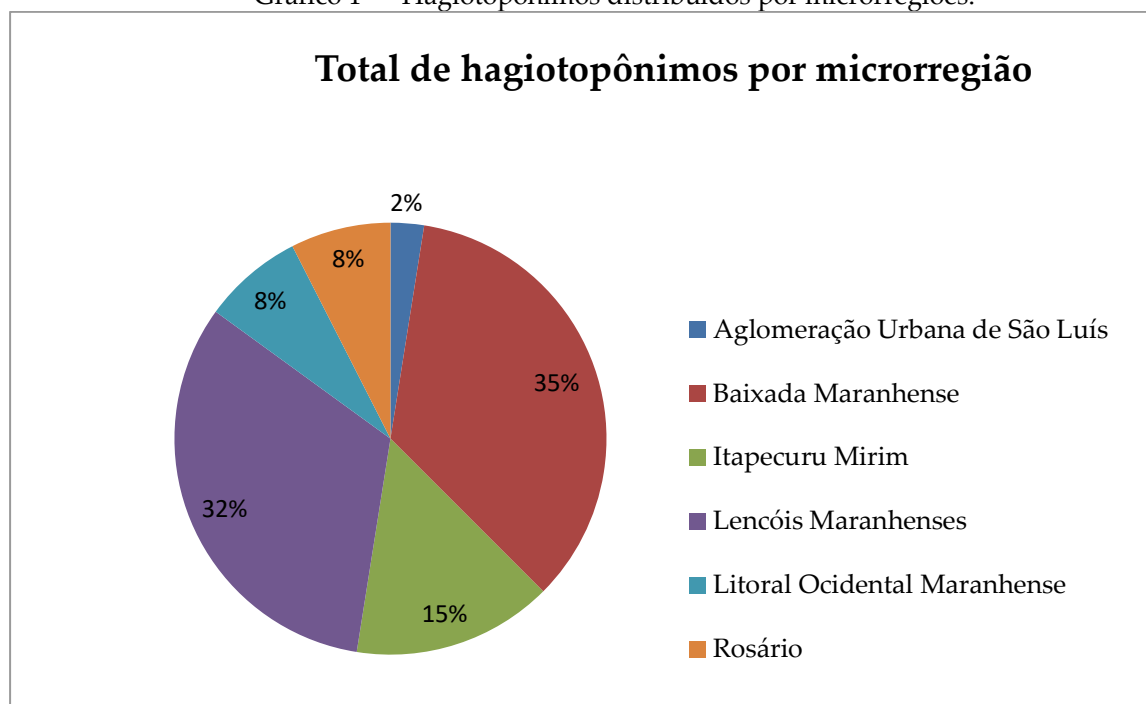
Lençóis Maranhenses	Tutóia	rio	São João
Litoral Ocidental Maranhense	Guimarães	igarapé	São João de Melo
Itapecuru Mirim	Itapecuru Mirim	riacho	São José
Itapecuru Mirim	Vargem Grande	riacho	São José
Lençóis Maranhenses	Barreirinhas	riacho	São José
Baixada Maranhense	Palmeirândia	rio	São Miguel
Lençóis Maranhenses	Humberto de Campo	rio	São Pedro
Itapecuru Mirim	Cantanhede	igarapé	São Raimundo

Fonte: elaborado pelos autores.

Com base no Quadro 1, percebemos a influência religiosa nos nomes dos elementos hidrográficos maranhenses. Vale ressaltar que no estudo de caso sobre a toponímia do Maranhão, em 1995, Dick já evidenciara o uso dos hagiotopônimos para a nomeação dos municípios no Estado.

Considerando essa realidade, fizemos uma análise quantitativa com referência às Microrregiões e aos topônimos recolhidos.

Gráfico 1 – Hagiotopônimos distribuídos por microrregiões.



Fonte: elaborado pelos autores.

Das seis microrregiões, que compõem a mesorregião estuda, a que mais teve ocorrência de hagiotopônimos foi a microrregião Lençóis Maranhense, com um total de 13 hagiotopônimos, com duas ocorrências de nomes de Santas e 11 com nome de Santos, com recorrência de São Bento em três denominações. Depois aparece a microrregião Baixada Maranhense com um total de 10 hagiotopônimos, dos quais seis dizem respeito a nomes de Santas e quatro, a nomes de Santos. Na microrregião Itapecuru Mirim somam-se o total de seis hagiotopônimos, divididos igualmente entre nomes de Santos e Santas, a exemplo de dois Riachos da Santa Rosa e dois Riachos São José.

Por fim, igualmente com três ocorrências, estão as Microrregiões Litoral Ocidental Maranhense e Rosário.

Vale ressaltar que, embora tenham sido registrados dentro nos 60 municípios um total de 147 paróquias que têm um santo ou santa como patrono, nenhum desses santos ou santas foi recorrente, no seu município, para nomear um dos acidentes hidrográficos pesquisados.

Gráfico 2 – Hagiotopônimos distribuídos por nomes de Santos e Santas.



Fonte: elaborado pelos autores.

Nos 34 hagiotopônimos coletados, observamos uma forte tendência para o uso de nomes de Santos, com um total de 22 ocorrências, sendo recorrentes os seguintes nomes: São José (quatro), São Bento (quatro) e Santo Antônio (três).

No que diz respeito às Santas, foi feita a recolha de 14 nomes, sendo o mais recorrente Santa Rosa, com seis nomeações.

Os dados evidenciam o que postula Sapir (1961) ao afirmar que muitos elementos da cultura humana influenciam o ambiente em que os praticantes dessa cultura se encontram. Em consonância com ideia de Sapir, Câmara Cascudo (2011, p. 22) assinala que “A toponímia testifica a devoção assinalada em milhares e milhares de acidentes geográficos, ilhas, enseadas e cabos, rios e serras, planícies ...) ficam o santoral católico (...) permanecem lembrado a imorredoura Fé ancestral.”, dessa forma demonstrando a relação entre cultura, ambiente e toponímia.

4 Considerações Finais

Este trabalho objetivou analisar os hagiotopônimos que dão nome aos hidrônimos da mesorregião Norte Maranhense. Embora contemple apenas uma das cinco mesorregiões do estado do Maranhão, os resultados obtidos nos possibilitam constatar que há uma forte tendência na toponímia maranhense a dar nome de Santos e Santas aos elementos físicos, confirmando desse modo a ação do ideal cristão no Maranhão e ratificando, portanto, a análise de Dick (1995) no estudo de caso que faz sobre a toponímia maranhense, ao evidenciar que a devoção pelos santos populares e os mais regionais podem constituir marca tipicamente local.

Apesar de nosso estudo ser um recorte de um trabalho mais amplo, percebemos que há muito por investigar no campo dos estudos sobre hagiotopônimos, e que há uma inter-relação língua/cultura/ambiente que deve orientar esses estudos. A percepção dessa relação nos leva ainda a fazer alguns questionamentos que, com certeza, ampliarão nossos conhecimentos nessa área, tais como: (i) por que a

distribuição desigual de hagiotopônimos entre as microrregiões? (ii) por que os nomes de Santos se sobrepõem aos de Santas?

Concluimos destacando, ainda, que trabalhos como este se tornam relevantes, uma vez que contribuem para novas pesquisas relacionadas com a toponímia brasileira e em especial com a maranhense.

Referências

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. *In*: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. 1. 2. ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001. p. 13-22.

CHAVES, L. Influências religiosas na formação da antroponímia e da toponímia em Portugal. **O Archeólogo Português**, Lisboa, v. 3, p. 177-209, 1956.

D'ABBEVILLE, C. **História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas**. São Paulo: Siciliano, 2002.

D'EVREUX, Y. **Viagem ao norte do Brasil: feita no ano de 1613 a 1614**. São Paulo: Siciliano, 2002.

DAUZAT, A. **Les noms de lieux**. Paris: Librairie Delagrave, 1928.

DICK, M. V. de P. do A. Atlas toponímico do Brasil: teoria e prática II. **Revista Trama**, Paraná, v. 3, n. 5, p. 141-155, 2007a.

DICK, M. V. de P. do A. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. *In*: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora. UFMS, 2004, v. 2, p. 121-130.

DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições do Arquivo do Estado, 1990a.

DICK, M. V. de P. do A. Os vocabulários toponímicos básicos no “vocabulário na língua brasílica” e sua relação geográfica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB da Universidade de São Paulo**, São Paulo, n. 31, p. 95-111, 1990b.

DICK, M. V. de P. do A. O léxico toponímico: marcadores e recorrências linguísticas (Um estudo de caso: a toponímia do Maranhão). **Revista Brasileira de Linguística**, São Paulo, v. 8, n. 1, p.69-67, 1995.

DICK, M. V. de P. do A; SEABRA, M. C. T. C. de. Caminho das águas, povos dos rios: uma visão etnolinguística da toponímia brasileira. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA, 5., 2001, Rio de Janeiro. **Anais [...]**: Disponível em: http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/cong_vcnlf06.html. Acesso 28 ago 20.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Glossário dos termos genéricos dos nomes geográficos utilizados no mapeamento sistemático do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010, v. 1.

ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. de. Apontamentos sobre hidronímia e hidrotoponímia na fronteira entre os estados de Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. *In*: ISQUERDO, A. N.; BARROS, L. A. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. v. 5. Campo Grande: EDUFMS, 2010. p. 79-98.

MARQUES, C. A. **Dicionário histórico-geográfico da Província do Maranhão/** Notas e apuração textual de Jomar Moraes. 3. ed. São Luís: Edições AML, 2008.

MORALA, J. R. Toponímia y geografía lingüística. Sobre leonés y castellano. *In*: SOUSA FERNÁNDEZ, X. (ed.). **Toponímia e cartografía**. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega: Instituto da Lingua Galega, 2010. p. 103-128.

MUJICA ULAZIA, N. Bilingüismo, toponímia y cartografía en la Comunidad Autónoma del País Vasco. *In*: SOUSA FERNÁNDEZ, X. (ed.). **Toponímia e cartografía**. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega: Instituto da Lingua Galega, 2010. p. 73-102.

PEREIRA, E. L. **Pelos caminhos das águas: um estudo da hidronímia da Mesorregião Norte Maranhense**. 2017. 109f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2017.

ROSSELLÓ I VERGER, V. M., Toponímia, geografía y cartografía. *In*: SOUSA FERNÁNDEZ, X. (ed.). **Toponímia e cartografía**. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega: Instituto da Lingua Galega, 2010. p. 21-37.

SAPIR, E. **Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

TROVÃO, J. R. **O processo de ocupação do território maranhense**. São Luís: IMESC, 2008.

VASCONCELOS, J. L. de. **Opúsculos**. III. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

Artigo recebido em: 30.09.2020

Artigo aprovado em: 26.03.2021